

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E IDENTIDADE DE BAIRRO EM ÁREAS DE URBANIZAÇÃO POPULAR: ESTUDOS DE CASO EM PIRAJÁ E CAJAZEIRAS, SSA-BA¹

Renata Maria de Jesus Bahia²
Angelo Szaniecki Perret Serpa³

RESUMO: Baseados nos estudos da Geografia Humanística, compreende-se que a percepção de um povo é relevante para a compreensão do espaço. Assim, a experiência dos moradores de um bairro pode servir de base para se analisar como cada indivíduo incorpora ao seu modo os elementos presentes em seu local de moradia, conferindo a estes espaços uma identidade intersubjetiva, aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade ainda que com variações (SOUZA, 1989). Partindo-se dessas premissas, buscou-se entender as relações interpessoais entre os moradores e identificar as manifestações culturais - excluídas, residuais, emergentes e dominantes (COSGROVE, 1998) - existentes no lugar, assim como os referenciais e os limites dos bairros, consolidados na percepção de seus habitantes, suas formas de organização e associativismo. Foram realizadas, nos dois bairros, entrevistas estruturadas, a partir da adaptação da metodologia proposta por Lynch (1990), compostas por 26 questões abertas sobre os referenciais e limites dos bairros, sobre o comércio e os serviços e as manifestações culturais existentes, constando também da solicitação de elaboração de um mapa mental dos bairros pelos entrevistados. A pesquisa foi importante no sentido de analisar a percepção que os moradores têm do seu espaço vivido e, sobretudo, como ocorrem as manifestações culturais em dois bairros populares de Salvador, verificando-se sua importância para a vida social dos moradores dessas áreas.

Palavras-chave: Bairro popular; Identidade; Manifestações culturais.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte do projeto Identidade de Bairro nas Periferias Urbanas: Um Estudo de Geografia Humanística aplicada ao Planejamento (Projeto Espaço Livre de Pesquisa-Ação), tendo como objeto de estudo os bairros de Cajazeiras e de Pirajá. Este projeto está norteado pelos seguintes objetivos, entre outros: Identificar os referenciais arquitetônicos e urbanísticos mais relevantes das áreas-estudo, consolidados na percepção dos moradores, com base na aplicação de técnicas da cartografia cognitiva; identificar as manifestações culturais mais relevantes das áreas-estudo e suas “raízes” na história dos bairros investigados; verificar a relação existente entre “bairro e identidade” do ponto de vista da cultura; identificar possíveis processos de autogestão do espaço urbano, deflagrados por iniciativa dos moradores nos bairros pesquisados.

Baseado nos estudos da Geografia Humanística compreende-se que a percepção de um povo é relevante para a compreensão do espaço. Assim, a vivência e a experiência dos moradores de um bairro podem servir de base para se analisar como cada indivíduo incorpora ao

¹ Resultante do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq 2006-2007) intitulado “Identidade de Bairro e Manifestações Culturais em Áreas de Urbanização Popular: Estudos de Caso nos Bairros de Pirajá e Cajazeiras em Salvador”.

² Estudante de graduação do curso de Geografia da Universidade Federal da Bahia. renatabahia83@hotmail.com.

³ Professor Associado Doutor do Departamento de Geografia do IGEO/UFBA, pesquisador do CNPq; orientador da pesquisa.

seu modo os elementos presentes em seu bairro, conferindo a estes espaços urbanos uma identidade intersubjetiva, aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade, ainda que com variações (SOUZA, 1989).

Partindo-se dessas premissas, buscou-se entender as relações interpessoais entre os moradores e identificar as manifestações culturais - excluídas, residuais, emergentes e dominantes (COSGROVE, 1998) - existentes no lugar, assim como os referenciais e os limites dos bairros consolidados na percepção de seus habitantes, bem como suas formas de organização e associativismo. Nesse sentido foi interessante estudar os bairros de Cajazeiras e Pirajá, e assim compreender as inter-relações pessoais, resgatando a história desses bairros e também a sua importância cultural para a cidade.

O bairro de Cajazeiras está localizado em Salvador, entre os bairros de Águas Claras e Castelo Branco. Esse bairro é caracterizado por uma população de baixa renda e também por sua grande distância em relação ao centro da cidade, sendo, também por isso, considerado um bairro de periferia. O conceito de periferia abrange aquelas áreas com infra-estrutura e equipamentos de serviços deficientes, sendo essencialmente o lócus da reprodução sócio-espacial da população de baixa renda. (SERPA, 2001). Cajazeiras é um bairro de grande extensão, fato este responsável pela sua divisão realizada por números: Cajazeira II até a Cajazeira XI, sem que essa ordem esteja de acordo com a localização de cada uma delas. Além disso, estão inseridos nesse bairro os conjuntos Fazenda Grande I, II e III, também considerados como partes integrantes desse imenso bairro periférico.

Localizado na periferia de Salvador, Pirajá é um bairro que teve grande importância para a história da Bahia e do Brasil, fato que é motivo de orgulho para a maioria da população. Caracterizado também por sua grande extensão, Pirajá é dividido em três núcleos: Rua Velha, Rua Nova e Conjunto Pirajá, onde se concentra uma população de baixo poder aquisitivo, apresentando problemas de infra-estrutura comuns a outras áreas de urbanização popular da cidade.

A pesquisa em Cajazeiras, realizada no período de agosto de 2006 a fevereiro de 2007, foi dividida em etapas, descritas a seguir:

A primeira etapa consistiu na definição de quais conjuntos seriam abrangidos pela pesquisa. Os critérios utilizados para essa escolha basearam-se na proximidade entre os conjuntos, por exemplo, as Cajazeiras IV e V, X e XI, e também pelo fato destes locais concentrarem a maior quantidade de habitantes, comércio e serviços do bairro.

A segunda etapa consistiu no levantamento de dados secundários, fornecidos pela CONDER – Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia, referentes ao número de habitantes, sexo e faixa etária, residentes nas Cajazeiras IV, V, X e XI. Esse levantamento resultou numa amostra, cujo objetivo foi definir a quantidade de entrevistados por sexo, faixa etária e também de acordo com o percentual de habitantes de cada conjunto, citados anteriormente.

As Cajazeiras IV, V, X e XI possuem juntas um total de 29.961 habitantes, de acordo com os dados censitários do IBGE-2000, disponibilizados pela CONDER. Desse total, apenas 21.627 foram considerados na amostra da pesquisa pelo fato de estarem inseridos nas faixas etárias utilizadas nas entrevistas. Assim, obteve-se um universo amostral composto por 26 pessoas, distribuídas por faixa etária e sexo: quatro pessoas, dois homens, duas mulheres, entre 15 e 19 anos; seis pessoas, três homens e três mulheres, entre 20 e 29 anos; cinco pessoas, dois homens e três mulheres, entre 30 e 39 anos; cinco pessoas, dois homens e três mulheres, entre 40 e 49 anos; três pessoas, um homem e duas mulheres, entre 50 e 59 anos; duas pessoas, um homem e uma mulher, entre 60 e 69 anos; e duas pessoas, um homem e uma mulher, acima de 70 anos.

No bairro de Pirajá, a pesquisa foi realizada no período de março a junho de 2007, dividida nas seguintes etapas:

A primeira etapa consistiu no levantamento de dados secundários, fornecidos pela CONDER – Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia, referentes ao número de habitantes, sexo e faixa etária dos residentes em Pirajá. Esse levantamento resultou numa amostra, cujo objetivo foi definir a quantidade de entrevistados por sexo e faixa etária.

Pirajá possui um total de 26.412 habitantes, de acordo com os dados censitários do IBGE-2000, disponibilizados pela CONDER. Desse total, apenas 18.629 foram considerados na amostra da pesquisa pelo fato de estarem inseridos nas faixas etárias consideradas nas entrevistas. Assim, obteve-se um universo amostral composto por 20 pessoas, distribuídas por faixa etária e sexo: quatro pessoas, entre 15 e 19 anos; quatro pessoas, entre 20 e 29 anos; quatro pessoas, entre 30 e 39 anos; quatro pessoas, entre 40 e 49 anos; duas pessoas, entre 50 e 59 anos; uma pessoa, entre 60 e 69 anos; e uma pessoa, acima de 70 anos.

Após a realização dessas etapas, foram efetuadas, nos dois bairros, as entrevistas, que por sua vez tiveram o seu conteúdo baseado nos estudos de Kevin Lynch (1990). Essas entrevistas foram compostas por 26 questões, constando também da solicitação de elaboração de um mapa mental do bairro pelos entrevistados.

2. O BAIRRO DE CAJAZEIRAS

2.1. Os limites e referenciais de bairro

Apesar da grande extensão do bairro de Cajazeiras, a maioria dos moradores entrevistados não teve dificuldades em delimitá-lo. Muitos afirmaram que Cajazeiras “começa” no bairro de Castelo Branco, enquanto outros citam o bairro de Águas Claras como seu “início”. Com relação à questão de onde termina o bairro de Cajazeiras, as respostas também são muito semelhantes, pois o conjunto Cajazeira XI e Boca da Mata estiveram presentes em muitas respostas:

“Começa em Castelo Branco e termina na Boca da Mata” (Carlos César Santos, 40 anos).

“Na minha compreensão, começa em Castelo Branco e termina na Boca da Mata” (Carlos Ferreira, 50 anos).

“Começa em Águas Claras e termina em Boca da Mata” (Allan Menezes, 17 anos).

“Começa em Castelo Branco e termina no Final de Linha da Cajazeiras XI” (Márcia Barbosa, 36 anos).

Não é surpresa que um bairro tão extenso como Cajazeiras seja delimitado de formas diferentes na concepção de vários moradores. Pois, apesar das semelhanças encontradas nas respostas, alguns entrevistados demonstraram outra visão, bem diferente, dos limites do bairro.

“Para mim, começa desde o Fim de Castelo Branco, onde tem a penitenciária Lafaiete Coutinho, e Cajazeiras é tão grande, tem lugares para ir, que é difícil dizer que tem um ponto final. Mas para nós aqui da Cajazeira IX, a Cajazeira termina onde vai para Valéria” (Zilvananci da Silva Valença, 74 anos).

“Começa na BR, que fica lá na Cajazeira VI e termina lá na Boca da Mata. Uma parte termina na Boca da Mata e a outra termina no ‘pistão’ que vai para a Cana-Brava, ali próximo ao CAB” (Gevânia Silva, 32 anos).

A grande extensão e o constante crescimento de Cajazeiras foram os argumentos utilizados por alguns moradores que não souberam dizer onde termina e onde começa o conjunto:

“Eu moro aqui há 15 anos, mas não sei dizer onde começa e onde termina, pois está crescendo a cada dia. Já tem uma nova Cajazeira, chamada de Cajazeira IX, então estradas estão se abrindo aí para baixo, nem sei te dizer onde termina” (Ana Maria Ramos, 52 anos).

“Não sei lhe informar, pois Cajazeiras é muito grande e eu não conheço Cajazeiras toda” (Luciene dos Santos, 25 anos).

Semelhante aos limites, os referenciais de Cajazeiras foram bastante repetidos nas entrevistas realizadas, destacando-se as Rótulas, sobretudo a Rótula da Feirinha, localizada na Cajazeira X. Doze dos entrevistados citaram este local como um referencial do bairro devido à intensa concentração de comércio e serviços ali encontrados. Além da Rótula da Feirinha, são bastante citadas as Rótulas das Cajazeiras V e XI. Os outros referenciais mais destacados são a Maternidade, localizada na Fazenda Grande II; a Delegacia, localizada na Cajazeira X; e também os “pinicões” (lagoas de decantação de rejeitos de esgoto), localizados nos conjuntos VII e VIII.

2.2. Comércio e serviços

Através das entrevistas realizadas em Cajazeiras, observa-se que as opiniões a respeito do comércio e dos serviços são muito semelhantes. Sobretudo por esses serem os setores que mais crescem no bairro, segundo os moradores.

Conforme informações dos entrevistados, muitas lojas de grande porte se instalaram no bairro nos últimos anos. Lojas como a Romelsa, a Insinuante, a Ricardo Eletro etc., além das lojas de origem do próprio bairro, como, por exemplo, o Fazendão, uma grande loja de material de construção. Esse fato justifica a valorização do bairro por seus moradores, pois o crescimento do comércio e dos serviços se apresenta como a diminuição da dependência do centro da cidade e também dos transportes.

O fato de lojas terem se instalado nos últimos anos em Cajazeiras é o resultado do crescimento da população e também da ascensão do comércio que nasceu no próprio bairro, pois além das grandes lojas, Cajazeiras concentra estabelecimentos que cresceram com o próprio bairro, e esse é o resultado da valorização dada pelos consumidores e habitantes de Cajazeiras ao comércio local:

“O comércio, graças a Deus, está crescendo, pois a população está ajudando, pois está se conscientizando de que não é só no centro que existem coisas boas e baratas, aqui também temos” (Márcia Barbosa, 36 anos).

Apesar de existirem muitas lojas espalhadas por Cajazeiras como um todo, o verdadeiro núcleo de comércio e serviços do bairro é a Rótula da Feirinha. O conceito de núcleo, aplicado nesta pesquisa, significa áreas que apresentam uma concentração relevante de estabelecimentos comerciais e de serviços (SERPA, 2001).

A Rótula da Feirinha, localizada entre as Cajazeiras VIII e a Cajazeira X, demonstra ser um motivo de orgulho para os moradores, que, em todas as entrevistas, citaram esse local e o consideraram como o grande centro de Cajazeiras, justamente pela grande concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços.

As opiniões de grande parte dos moradores são bastante positivas com relação ao comércio, porém a falta de agências bancárias é uma das principais reclamações da população, que ainda é obrigada a se deslocar para o centro da cidade a procura de serviços desse tipo. Esse fato resulta em muita insatisfação dos moradores, e, para muitos, é a única coisa que falta para que o bairro seja considerado “perfeito”:

“O comércio está melhorando e eu creio que vai melhorar mais ainda, pois já colocaram bastante coisas. Só falta mesmo é um banco, um Banco do Brasil no caso, pois o mais próximo é em Itapoá ou Pirajá, que dependem de transporte. Até que enfim colocaram uma central dos Correios, pois não tinha” (Fabileide da Silva, 26 anos).

“O comércio está crescendo muito e os serviços não deixam a desejar, apenas a falta de um banco, mas que já está chegando aqui para Cajazeiras. No caso, uma agência do Banco do Brasil” (Lenivaldo Ramos, 26 anos).

2.3. As manifestações culturais

As manifestações culturais foram analisadas a partir das relações existentes entre cultura e poder. Cosgrove (1998) trabalha com a questão de hegemonia cultural no processo de construção das “paisagens humanas”, através de culturas dominantes e subdominantes. Estas últimas são divididas em emergentes, residuais e excluídas.

Ao realizar as entrevistas no bairro de Cajazeiras, uma das perguntas mais difíceis para os moradores foi aquela referente ao conceito de cultura. As respostas indicam que, para os entrevistados, a cultura está relacionada à educação, aos costumes de um povo, à dança, às artes, à religião, ao futebol e, sobretudo, ao carnaval. Dois dos entrevistados responderam que cultura é apenas carnaval, após pensarem muito na resposta:

“Não entendo nada, só carnaval” (Kátia da Silva, 26 anos).

“Carnaval” (Ires Santos, 39 anos).

De acordo com algumas das respostas, nota-se que a cultura é considerada como algo distante da realidade de alguns moradores, sendo muitas vezes vista como a necessidade de capacitação profissional, inalcançável para muitos moradores do bairro, mas necessária para o desenvolvimento do próprio local:

“É o que todo cidadão deveria ter. Ou seja, todos os cidadãos deveriam saber dos seus direitos e dos seus deveres, além do ensino” (Tiago Batista, 20 anos).

“É um espaço para você aprender, como, por exemplo, cursos de informática” (Simone Santana, 32 anos).

“É educação, instrução, pessoa que é bem instruída e que tem bastante conhecimento” (Ana Maria Ramos, 52 anos).

“Quando a gente fala em manifestação cultural, geralmente a gente prioriza o lazer. No caso um projeto social com escolinhas de futebol, oficina de beleza, ajudaria a diminuir a violência. Aqui em Cajazeiras não temos isso. Se aqui tivesse esses projetos, não teríamos tantos meninos na rua. Quando temos alguma coisa desse tipo, cobram alguma taxa. Por exemplo, aqui temos oficinas de costura nas igrejas católicas, aulas de informática, temos também cursos profissionalizantes para jovens e adultos na Fundação Bradesco” (Fabileide da Silva, 26 anos).

Segundo Cosgrove (1998), as pessoas não consideram seu mundo vivido como uma produção cultural. Nas respostas obtidas nas entrevistas isso é observado, pois as pessoas citam como manifestações culturais do bairro as festas das igrejas, as danças, a capoeira e o carnaval, entretanto, paradoxalmente, não consideram essas manifestações como “cultura”, ou seja, não as utilizaram para conceituar “cultura”:

“Acho que hoje em dia, cultura é tudo, dependendo pode ser boa ou não. Cultura em Cajazeiras, que eu saiba não tem não” (José Cruz da Silva, 39 anos).

“Vem da arte, e aqui quase o povo não tem: é só capoeira, capoeira, capoeira e candomblé” (Gevânia Silva, 32 anos).

As manifestações culturais existentes no bairro de Cajazeiras mais citadas pelos entrevistados foram: Candomblé, capoeira, dança, festas nas igrejas, festas nas escolas, comícios

de políticos, carnaval, futebol, festa de São João e o Reveillon. As manifestações culturais do passado foram pouco citadas. Muitos dos entrevistados, até mesmo os moradores mais antigos, afirmaram que não lembram dessas manifestações.

“Não, pois quando eu cheguei aqui eu não vi nada disso” (Ana Maria Rios, 52 anos).

Dentre as manifestações que representam a cultura dominante, hegemônica na cidade e no bairro, temos o carnaval e o futebol, esse último está muito relacionado com a principal alternativa de lazer existente no bairro que são as quadras esportivas. Outros exemplos de culturas dominantes: Carnaval, Reveillon, São João, trio elétrico, pagode, academias, comícios de políticos, lavagem (arrastão) de Cajazeiras. Segundo a maioria dos entrevistados, esses eventos ocorrem na Pronaica, um espaço localizado no conjunto Cajazeira X:

“Poucas. Às vezes tem rodas de capoeira nas praças e quando tem trios, na Pronaica, na Cajazeiras X” (Tiago Batista, 20 anos).

2.4. O sentimento de pertencer ao bairro

O bairro é o espaço da experiência de cada habitante. Representa também os sentimentos e a afeição que cada indivíduo nutre pelo lugar onde vive. Sentimentos esses que podem levar cada morador a lutar por melhorias do lugar onde vive, ou até mesmo a se conformar com os problemas que ali existem.

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, nota-se em Cajazeiras um grande orgulho dos moradores, sobretudo com relação ao crescimento que o comércio do bairro experimentou nos últimos anos. Segundo alguns moradores entrevistados, a distância que o bairro tem em relação ao centro é amenizada com a crescente quantidade de serviços oferecidos em Cajazeiras, diminuindo a dependência de bairros mais centrais:

“Bom, tem muitos mercados, tem tudo. Não aqui na Cajazeiras XI, mas na Rótula sim. As pessoas só saem mais daqui para o centro por causa dos bancos que aqui ainda não temos. Tínhamos caixas eletrônicos, mas acabaram por que o Bom Preço fechou, mas vão construir também uma Caixa Econômica Federal na Rótula também. Segundo as associações, vão construir o Bradesco. Correios nós já temos, então não precisamos sair daqui para nada, só para irmos à praia, que aqui não temos.” (Wellington Silva, 60 anos).

“Cajazeiras cresceu e mudou muito. Lembro de quando eu fui morar lá, há vinte e dois anos atrás e tinha que descer do ônibus na Pedra Preta, em Castelo Branco porque não tinha ônibus direto. Hoje moramos em um dos maiores bairros da América Latina. Temos mais opções de transportes. Por exemplo, na Cajazeiras V, na hora de voltar para casa, temos várias opções dos ônibus de outras Cajazeiras. Porém quando você sai da V para o centro e quer pegar ônibus de outra Cajazeira é complicado, pois quando chega lá, já é com gente pendurada na porta. O que não mudou em Cajazeiras foi o fato de até hoje não termos uma rede bancária” (João Damaso, 54 anos).

3. O BAIRRO DE PIRAJÁ

3.1. Os limites e referenciais de bairro

A vivência de um bairro necessariamente consiste num terreno mais ou menos comum para todo um conjunto de indivíduos, os quais vêm suas imagens mentais se aproximarem e se superporem (SOUZA, 1989.) Nesse sentido, a delimitação de um bairro é estabelecida de acordo com referências que são comuns a todos.

Pirajá é um bairro de grande extensão, dividido em três núcleos: Rua Velha, Rua Nova e Conjunto Pirajá. Apesar de sua grande extensão, os entrevistados não tiveram dificuldade para delimitá-lo. Para a maioria deles, Pirajá “começa” em Campinas. Entretanto, a Estação Pirajá e o Largo de Pirajá também foram citados como locais onde o bairro se “inicia”.

“Começa em Campinas e termina aqui no Conjunto” (Ednalva da Conceição, 47 anos).

“Começa em Campinas e termina no Conjunto Pirajá I” (Marcelino Lima, 48 anos).

“Começa no Largo de Pirajá e termina no conjunto. Vem o Largo, Rua Velha, Rua Nova, VL 1, VL 5 e termina aqui no Conjunto” (Daniel Cruz, 18 anos).

Embora a maior parte dos entrevistados delimite o bairro entre Campinas e o Conjunto Pirajá, outras delimitações foram citadas, demonstrando assim que não há um consenso entre os moradores de onde o bairro começa e termina.

“Dizem que o bairro começa no Largo de Pirajá, mas outras pessoas dizem que começa lá no fim de linha da Rua Velha. Mas como aqui é uma confusão, também têm pessoas que dizem que o bairro começa na Estação Pirajá, e que o Porto Seco também faz parte do bairro” (Eunides Lopes, 47 anos).

“Começa em Campinas e termina no Parque São Bartolomeu” (Anderson dos Santos, 25 anos).

“Começa a partir da Estrada Velha de Campinas de Pirajá e se estende até Valéria” (Gilcélia Maria dos Santos, 39 anos).

“Começa em Campinas, mas onde termina, eu não sei” (Lucas Barbosa, 21 anos).

De acordo com os mapas mentais, feitos pelos moradores de Pirajá, observa-se que o referencial mais citado do bairro é a Igrejinha, localizada no Largo de Pirajá. Fato que se atribui à própria história do bairro, pois segundo a maioria dos entrevistados, foi neste local que se encerrou a batalha do Dois de Julho. Além da Igrejinha, são bastante citados o Parque São Bartolomeu, o Supermercado atacadista Makro, a Rua Velha, a Rua Nova, o Conjunto Pirajá e também as empresas de ônibus, localizadas no bairro: Axé e Barramar.

3.2. Comércio e serviços

Considerado um bairro periférico, Pirajá possui uma considerável distância em relação ao centro da cidade. Este problema se agrava mais devido ao precário sistema de transportes e também ao fraco comércio existente no bairro, obrigando a população a se deslocar até mesmo para ter acesso aos serviços mais simples e produtos que deveriam ser oferecidos no bairro.

De acordo com as respostas da maioria dos entrevistados, o comércio e os serviços de Pirajá deixam muito a desejar. Muitos deles reclamam do fato de o bairro não ter um grande supermercado, e, em consequência, os “mercadinhos” acabam sendo a única opção de compras de alimentos em Pirajá.

A Rua Velha foi citada como o local que mais concentra comércio e serviços no bairro, o que causa descontentamento, principalmente para as pessoas que moram no Conjunto Pirajá, pois elas têm que se deslocar para a Rua Velha até mesmo para comprar um simples medicamento, pois é o único local do bairro que possui farmácias. A insatisfação com esse fato é notória, conforme as declarações de alguns moradores:

“Precário, pois os mercadinhos não oferecem tudo que a população necessita, além disso, não temos uma boa qualidade de farmácias e nem lojas consideráveis. Na Rua Nova e no Conjunto não tem farmácia. Quem quiser comprar algum remédio tem que se deslocar até a Rua Velha, e não é um percurso pequeno” (Flávia Batista, 24 anos).

“É um pouco fraco, pois não temos muitas alternativas. Por exemplo, na Rua Nova tem alguns mercados, mas são fracos. Farmácias, aqui quase não temos” (Lucas Barbosa, 21 anos).

“O comércio não é bom, pois aqui não temos de tudo. Quando precisamos das coisas, temos que ir até a cidade. Nessa parte aqui é super fraco” (Marcelino Lima, 48 anos).

“Precário, pois nem tudo que queremos, encontramos aqui. Eles só colocam para vender produtos que eles acham que a população tem condições de consumir. Quando procuramos produtos mais diversificados não encontramos. Por exemplo, verduras só tem as mais comuns: uma acelga, um nabo é muito difícil encontrar aqui” (Eunides Lopes, 47 anos).

3.3. As manifestações culturais

As manifestações culturais foram analisadas a partir das relações existentes entre cultura e poder. Como ressaltado anteriormente, as pessoas não consideram seu mundo vivido como uma produção cultural (COSGROVE, 1998). Isso foi observado em Cajazeiras, mas se contrapõe ao que foi constatado em Pirajá, visto que alguns dos entrevistados têm uma noção do conceito de cultura, associado ao que existe em seu próprio bairro:

“São aspectos que identificam o bairro, por exemplo o OIA, que é uma instituição para pessoas carentes, que tem apresentações de música e dança” (Rainara, 19 anos).

“São as tradições, como a Festa de Labatut” (Jorge Fernando, 26 anos).

Pirajá é um bairro que se caracteriza pela importância que teve durante a Independência da Bahia. Todos os anos, no dia Dois de Julho, ocorre a famosa festa do General Labatut, no Largo de Pirajá. É notória a relevância que este fato tem para os moradores, sobretudo com relação às manifestações culturais que acontecem em Pirajá, pois, através da Festa do Dois de Julho, ainda é cultivado o orgulho que as pessoas têm de morar num lugar que foi cenário de um importante fato histórico.

A maior parte dos entrevistados citou a festa de Labatut como a maior manifestação cultural que ocorre no bairro. Através das respostas é possível observar que as manifestações culturais do passado também estavam ligadas a essa festa, entretanto, alguns dos entrevistados destacam que, com o passar dos anos, a festa de Labatut tem perdido a participação de algumas escolas do bairro, que costumavam realizar desfiles e apresentar bandas de fanfarras no Dois de Julho. Mesmo quando citaram outras manifestações culturais, a festa de Labatut sempre esteve presente nas respostas, constituindo-se assim no que Cosgrove considera como uma cultura dominante:

“A festa de Labatut, além de alguns grupos de pagode e quadrilhas juninas” (Gilcélia dos Santos, 39 anos).

“Só a festa de Labatut, que eu saiba mais nada” (João Silva, 51 anos).

Outras manifestações culturais foram citadas nas entrevistas, sobretudo culturas emergentes, como novas bandas que estão surgindo e que se apresentam no bairro; a banda Cortejo Afro também aparece nas respostas dos entrevistados como uma manifestação cultural de Pirajá:

“Aqui só bandas de vários estilos que vêm tocar, como, por exemplo, bandas de pagode e dança afro. Um exemplo é o Cortejo Afro, lá do Conjunto Pirajá que, inclusive, sai no carnaval” (Josiele Santos, 31 anos).

“A festa de Labatut. Temos também os grupos artísticos de samba. Temos a banda ‘POP’S’, que é uma banda de Reggae” (Flávia Damares, 24 anos).

Outro exemplo de cultura emergente são as apresentações que acontecem no Instituto OIA, localizado no Conjunto Pirajá:

“Tem um instituto OIA, que incentiva os meninos com música e dança” (Alexandre, 19 anos).

Destacam-se como culturas residuais os desfiles das escolas, as apresentações de capoeira e também o candomblé, ambas citadas por entrevistados:

“Aqui só no Colégio General Labatut que tem uma apresentação de capoeira. Além disso, mais nada” (Ednalva Conceição, 47 anos).

“Os colégios daqui promovem um desfile da primavera, no mês de setembro. Tem bandas de fanfarras e os comerciantes daqui apóiam” (Verônica Roque, 34 anos).

3.4. O sentimento de pertencer ao bairro

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, nota-se em Pirajá um grande orgulho dos moradores em relação à importância histórica do lugar, entretanto é observado também um sentimento de revolta associado ao descaso e à falta de infra-estrutura no local:

“O que mudou foi o aumento de conjuntos habitacionais. Já o que não mudou foi que algumas ruas continuam sem infra-estrutura. Além disso, o número de escolas não aumenta, apesar do crescimento da população. Sem falar nos transportes que continuam não atendendo a demanda, e a quantidade de postos de saúde, pois ainda só temos um” (Flávia Damares, 24 anos).

“É um bairro muito carente, hoje temos aqui mananciais, temos a Bacia do Cobre, mas tudo em total abandono. O saneamento básico é muito carente e o transporte também fica a desejar, pois as linhas existentes não atendem a demanda. E nós como entidade estamos reivindicando a melhora. Lembro das dificuldades, pois trabalho na comunidade e vejo a carência que o bairro tem. Apesar dos fatos históricos que tivemos aqui, a primeira coisa que lembro mesmo são as dificuldades” (Gilcélia dos Santos).

A percepção que alguns dos entrevistados têm de Pirajá demonstra uma insatisfação, oriunda do pouco desenvolvimento que o bairro apresentou ao longo desses anos:

“Primeiramente, eu lembro da história do bairro, mas também lembro que é um bairro pouco desenvolvido para o tempo que já tem. Aqui é um bairro muito debilitado e carente de renovações, como comércio e lazer para os jovens” (Jacy Santos, 22 anos).

“É um bairro muito desprezado pelos políticos, nós só temos a visita do prefeito quando tem a festa do Dois de Julho. É um dos bairros mais antigos de Salvador e mais desprezados. Nós lutamos tanto por melhorias e nunca conseguimos. É um bairro desprezado em relação a asfalto e também o transporte é péssimo” (Marcelino Lima, 48 anos).

O que mais demonstra a preocupação e o amor que os moradores têm pelo bairro de Pirajá é a quantidade de pessoas que participam das associações de moradores. Este é um fato que revela o desejo de trazer melhorias para o bairro onde se mora:

“Participo do Conselho Comunitário do bairro distrito de Pirajá, que tem como objetivo agregar a comunidade num todo, reivindicando melhorias” (Flávia Damares, 24 anos).

4. CONCLUSÕES

As pesquisas desenvolvidas pelo Projeto Espaço Livre Pesquisa-Ação estão voltadas para a produção do espaço urbano nas áreas de urbanização popular de Salvador. Desse modo, Cajazeiras e Pirajá foram contemplados pelo projeto que tem como principais objetivos redefinir recortes, abrir novas possibilidades para intervenção no espaço construído para habitação em bairros populares de Salvador, fomentar um diálogo entre a universidade e as representações populares de bairros da periferia, além de subsidiar um planejamento urbano baseado nos mecanismos de autogestão e participação.

A pesquisa foi importante no sentido de analisar a percepção que os moradores de bairros periféricos têm do seu espaço vivido e, sobretudo, como ocorrem as manifestações culturais em bairros populares, verificando sua importância para a vida social dos moradores.

REFERÊNCIAS

- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens Humanas. In: CÔRREA, R. L.; ROSENDAHL, Z.. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: NOBEL/Editora da UFSCar, 1996.
- GOODEY, B.; GOLD, J. **Geografia do Comportamento e da Percepção**. Belo Horizonte: Departamento de Geografia/UFMG, 1986.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- SERPA, A. **Urbana Baianidade, Baiana Urbanidade**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1998.
- SERPA, A. **Fala, Periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano**. Coleção Ufba em Campo – Estudos. Salvador: PROEX/EDUFBA, 2001.
- SOUZA, M. J. L. de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 139-72, abril/junho, 1989.
- TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.